

Impacto nos juros domésticos divide analistas

Economistas entendem que o cenário está mais favorável, porém ainda é preciso cautela

Economistas ouvidos pelo Estado consideraram positiva para o Brasil a combinação da decisão do Fed de reduzir os juros nos EUA e da melhora do rating do País definida pela Standard & Poor's, mas a possibilidade de que Copom volte a cortar a taxa Selic na reunião deste mês está longe de ser uma unanimidade entre os analistas.

O ex-presidente do BC e diretor do Centro de Estudos de Economia Mundial da FGV, Carlos Langoni, está no time dos cautelosos. Segundo ele, o Copom já se adiantou à redução dos juros americanos na reunião de dezembro e, por isso, não se deve esperar queda da Selic ainda em janeiro.

O diretor de Pesquisa de

Mercados Emergentes da Goldman Sachs, Paulo Leme, também não vê motivos para corte dos juros agora. Segundo ele, o momento não é favorável a mais uma redução das taxas, pois o afrouxamento excessivo da política monetária pode provocar uma bolha de consumo, pressionando a inflação.

Como a economia está crescendo acima de 4% ao ano com esse nível de juros, o melhor é esperar antes de voltar a cortar a Selic, diz.

O sócio-diretor da consultoria MCM e ex-diretor do BC, José Júlio Senna, joga no time dos mais otimistas. Ele entende que o corte de juros definido pelo Fed abre espaço para o Copom reduzir o juro básico de 15,75% para 15% ao ano. Segundo ele, a inflação está acomodada e o cenário externo

mais favorável, com a perspectiva de afrouxamento da política monetária mundial. O economista-chefe do JP Morgan, Marcelo Carvalho acha que há possibilidade de uma redução de 0,5 ponto: "O BC deve fazer um corte de forma prudente, mas determinada."

HÁ QUEM
DEFENDA UM
CORTE DE
UM PONTO

O ex-ministro da Fazenda Marcílio Marques Moreira acha que "a redução de 0,5 ponto percentual lá pode permitir uma queda de até um ponto internamente". Marcílio

observa que a redução dos juros americanos aumenta a disponibilidade de dinheiro no mundo. "O aumento da liquidez é muito positivo para a economia brasileira, que ainda depende mais de fluxos financeiros do que comerciais."